

Algumas contribuições sobre os circuitos da economia urbana no município de Araçagi/PB

Ramon Silva Souza¹

Luiz Arthur Pereira Saraiva²

Resumo

Olhar o sujeito de uma pequena cidade é contemplar o rosto de quem contribui para a produção do espaço vivido da mesma, com seus contextos, públicos, mercados, trabalhos e costumes que se diversificam. É preciso avançar nos debates e entender que cada sociedade se expressa de várias maneiras em diferentes espaços-tempos. Buscamos, aqui, analisar a atividade comercial de algumas cidades que compõem a Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB, seus fixos e fluxos, uma forma de atender as lacunas abertas sobre o espaço urbano no qual cidades como Araçagi/PB se situam. Durante nossas vivências e pesquisas, observamos que o espaço urbano é produto de intenso comércio e consumo, seguindo inúmeras cidades no Brasil e no mundo que nasceram no entorno de feiras livres e mercados públicos no qual esse processo também acompanhou o nascimento e desenvolvimento de um espaço urbano como o de Araçagi com suas especificidades junto a seu histórico e cotidiano de cada morador/a. O período pandêmico trouxe implicações para um espaço e um público que já sentia muitas dificuldades. Observamos, também, a possibilidade de um consumo consciente nos pequenos municípios, partindo de uma abordagem crítica dos assuntos e vivências tratadas neste trabalho.

Palavras-chave: espaço urbano; Araçagi; feiras livres e mercados públicos; cotidiano.

Abstract

Looking at the subject of a small town is to contemplate the face of those who contribute to the production of the lived space, with its contexts, publics, markets, work, and customs that diversify. It is necessary to advance in debates and understand that each society expresses itself in various ways in different space-times. Here, we seek to analyze the commercial activity of some cities that make up the Immediate Geographical Region of Guarabira/PB, their fixities and flows, to address the gaps regarding the urban space in which cities like Araçagi/PB are situated. During our experiences and research, we observed that urban space is the product of intense trade and consumption, following countless cities in Brazil and around the world that were born around open-air markets and public markets, where this process also accompanied the birth and development of an urban space like Araçagi, with its specificities, history, and daily life of each resident. The pandemic period brought implications for space and a public that was already

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB).

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGEO/UFPE), Professor no Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB).

facing many difficulties. We also observed the possibility of conscious consumption in small municipalities, starting from a critical approach to the issues and experiences addressed in this work.

Keywords: urban space; Araçagi; open-air markets and public markets; daily life.

Introdução

Vivemos a sociedade da fluidez e do consumo exacerbado: a forma como lidamos com nossos objetos e com nós mesmos, além da percepção que temos do lugar que vivemos, com especial destaque ao espaço urbano, um dos objetos de estudo da ciência geográfica e ponto marcante em nossas análises. Cruz (2019) já alertava para a necessidade de análises mais profundas quando se tratando de categoria de lugar, dentro daquilo que é facilmente sentido pelo senso comum, o lugar deve ser discutido com rigor geográfico que lhe é particular, ou seja, além da percepção: antes, este constitui palco das múltiplas manifestações humanas e naturais. Não é diferente com o urbano, cujos agentes sociais modificam, configuram e transformam o lugar o tempo inteiro. Os resultados disso são as marcas grafadas no lugar de nossas investigações em nossas cidades.

Nossas relações sociais e interpessoais na contemporaneidade dizem muito sobre quem somos e como nos comportamos com o espaço em nosso entorno: experienciamos a sociedade do intenso consumo e descarte, pessoas e objetos parecem não fazer mais nenhuma diferença, uma vez que ambos sofrem dos mesmos males. Sobre seus limites, a cultura do descartável em nossa sociedade é arrasadora e nos questionamos: e quando não houver mais o que descartar? Aí reside a necessidade de refletir sobre as questões que lhe são pertinentes, com nossas trajetórias de pesquisas norteadas por esse mundo do consumo também presentes no espaço das cidades. Aqui, buscaremos analisar estes comportamentos nas cidades pequenas paraibanas, onde observamos como problemática a vacância científica nos termos que abordamos.

Dentre os objetivos desta pesquisa, buscamos estabelecer aportes que possibilitem a reflexão e ampliação dos conhecimentos da comunidade

geográfica, com vistas ao espaço geográfico de Araçagi, sua estrutura econômica, produtiva e consumo. Quanto aos objetivos específicos, temos a prerrogativa de contribuir com a ampliação de dados e informações junto do ambiente urbano, com ênfase às cidades de menor porte; auxiliar de forma científica/acadêmica em uma perspectiva que façam emergir nos agentes públicos a urgência de se pensar o espaço urbano bem como a conservação das formas tradicionais estabelecidas no decorrer do tempo; e trazer à tona realidades e debates esquecidos/relegados pela comunidade acadêmica/científica que pautam-se, em grande parte, ao palco das grandes e médias cidades.

Quanto a metodologia empregada neste trabalho, buscamos seguir a corrente de pensamento crítico, isto é, o materialismo histórico-dialético. Nessa perspectiva, levamos em consideração a dinâmica entre tese, antítese e síntese, bem como a luta de classes empregada pelos/as geógrafos/as marxistas. Entendemos que a história das pessoas e dos lugares são características importantes e não podem ser relegadas, omitidas ou esquecidas, uma vez que somos sujeitos históricos e carregamos conosco importantes traços que revelam quem somos hoje. De igual modo, os lugares possuem características ímpares e que, se bem analisadas, revelam suas marcas grafadas em seu histórico. Como procedimentos metodológicos, adotamos a revisão de literatura científica, registro fotográfico e entrevistas informais. Nossa recorte espaço-temporal limita-se ao município de Araçagi, localizado no Agreste paraibano, Região Geográfica Imediata de Guarabira. O mesmo é limítrofe com a já mencionada Guarabira, além de Sertãozinho, Pirpirituba, Duas Estradas, Lagoa de Dentro, Itapororoca, Mamanguape, Mari, Sapé e Mulungu, todos pertencentes ao território paraibano.

De acordo com o portal Cidades do IBGE, em 2010, a população de Araçagi/PB era de 17.224 habitantes, a projeção em 2019 de pessoas ocupadas era de apenas 6,3%. Na atualidade, não há como precisar o contexto socioeconômico dos/as habitantes das nossas cidades tendo em vista a falta de informações geradas pela ausência de dados motivados pelo inviável Censo

demográfico que deveria ter sido feito em 2020 e adiado para 2022 pelo IBGE, em razão da pandemia da SarsCov2 (Covid-19) e falta de verbas para as atividades censitárias, verbas não concedidas pelo congresso federal, como divulgado na mídia nacional³.

A presente pesquisa justifica-se pelo acesso aos espaços de coleta de dados, pelo cenário econômico recente dos espaços populares de comércio e consumo, que nas últimas décadas apresentou mudanças que se intensificam no decorrer dos anos. A diminuição da clientela desses espaços, os impactos da Pandemia de Covid-19, a precarização das estruturas e tantos outros, nos influenciam a pesquisar e ofertar tal conhecimento à comunidade. Diante de realidades “invisíveis” ao poder público, esta constitui ferramenta de conhecimento à comunidade e tais órgãos, que por conhecimento das necessidades que apontamos, promovam políticas públicas nesta direção.

Como recurso financeiro, elencamos que a bolsa de iniciação científica, oferecida a partir da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PRPGP da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ colaborou de forma singular para que as atividades de pesquisas se realizassem (a qual deixamos aqui nossos agradecimentos). Enquanto contribuições científicas, esperamos que, com esses esforços, políticas públicas sejam elaboradas e executadas em médio e longo prazo no cenário das pequenas cidades, além do enriquecimento teórico de alunos/as de graduação na realização de seus trabalhos acadêmicos.

Panorama do espaço urbano brasileiro: avançando nos debates sobre os pequenos espaços comerciais paraibanos

³ IBGE confirma ao STF precisar de mais verba que a aprovada pelo Congresso para realizar o Censo em 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/01/ibge-confirma-ao-stf-precisar-de-mais-verba-que-a-aprovada-pelo-congresso-para-realizar-o-censo-em-2022.ghml>>. Acesso em: 20 out. de 2022.

Censo 2021: Congresso corta 90% da verba e IBGE diz que medida torna operação inviável. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56490188>>. Acesso em: 20 out. de 2022.

Você já parou para observar sua cidade? Feche os olhos e tente imaginar as características que são próprias do âmbito urbano local, ainda mais particular se ela (a cidade) se enquadrar dentro das pequenas e médias cidades brasileiras. O dia a dia apresenta fluxos distintos de uma grande cidade do país em que vivemos: buzinou o caminhão, o ônibus ao frear “faz um barulhão”, a fábrica “cospe” fuligem, um grupo de jovens conversa, o comerciante grita: “Olha água mineral!!!” Na calçada, o movimento é intenso, ninguém se olha, pois, na cidade grande, o “tempo voa, o tempo é dinheiro”. Ainda em comparação da pequena cidade com a grande, Carlos indaga:

Será que o vermelho-amarelo-verde também marca o ritmo da vida das pessoas de uma pequena cidade como Mombuca (no interior de São Paulo)? Será que cidadãos de uma pequena ou mesmo média cidade apresentam o andar apressado, o olhar distante e frio e carregam na mente o pensamento de chegar “correndo” a algum lugar? Por outro lado, será que aí o indivíduo se perde na multidão e se sente livre para fazer o que quiser? (Carlos, 2007, p. 20).

As respostas para os questionamentos da autora estão nas vivências dos leitores e leitoras de cada espacialidade apontada. E, além disso, laçamos mais dúvidas: quais diferenças são possíveis identificar entre pequenas e grandes cidades? Mas, afinal, o que é a cidade? Concreto armado, simplesmente? Esperamos responder esses questionamentos ao longo do texto, pois nossa discussão deve ir além do imediatamente percebido. Sposito (2010, p. 12) defende que “não basta apenas observá-la ou viver nela. É preciso verificar a sua dinâmica, sua geografia e a sua história”.

Retomamos a ideia de parar para observar a cidade, cada detalhe dela, seus fixos e fluxos, exige-se lançar questionamentos e problematizações acerca dos múltiplos modos de vida desse espaço. Qual é a sua percepção da paisagem urbana, do seu lugar de vivência? É preciso abrir mão da observação pura e simples das construções, sendo a cidade feita e transformada por pessoas: quais foram os sujeitos que construíram os prédios em que moramos? Onde vivem? E como vivem? Geralmente as grandes obras são atribuídas aos reis e

governantes... Quem, de fato, pôs as mãos nos tijolos, cimento e areia, que compõem sua moradia, a praça, o banquinho, a calçada? indaga Carlos (2007).

Ainda segundo a autora, os elementos físicos do urbano revelam uma heterogeneidade entre os modos de vida na cidade, isto é, os mais diversos usos espaço urbano. Retornando as discussões sobre as pequenas cidades, observamos dinâmicas distintas das cidades grandes: há barulho, há movimento e problemas típicos de cidades de até vinte mil habitantes. No fim da tarde, ainda é possível observar os/as idosos/as na frente de suas casas conversando, três ou cinco motos e um carro que passa vez por outra no bairro. Acabou o café? É simples, no mercadinho do vizinho tem, a garotada se prepara para a festa de padroeiro/a, a noite promete bons rendimentos para o comércio local. Carlos identifica um comportamento típico das cidades grandes brasileiras que podemos observar:

Tal dinâmica conduz, de um lado, à redistribuição do uso de áreas já ocupadas, levando a um deslocamento de atividades e/ou dos habitantes; e, de outro lado, a incorporação de novas áreas que importam em novas formas de valorização do espaço urbano. No caso das grandes cidades, por exemplo, ocorre geralmente a deterioração do centro e/ou das áreas centrais que passam a ser ocupados por casas de diversão noturna, pensões, hotéis de segunda classe, zonas de prostituição. Isso faz com que os chamados “bairros ricos”, localizados perto das áreas centrais, sofram uma mudança de clientela; os antigos moradores “fogem” para áreas privilegiadas mais afastadas, surgindo os bairros-jardins, as chácaras, os condomínios “fechados”. É a moradia como sinônimo de status (Carlos, 2007, p. 41).

Mesmo nas pequenas cidades, e com especial recorte às cidades pequenas que este estudo contempla, é possível identificar, nas contribuições de Carlos (2007, p. 23), “que o uso diferenciado da cidade demonstra que esse espaço se constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória. A desigualdade espacial é produto da desigualdade social”. Em outras palavras, a cidade é palco de conflitos e disputas construídos historicamente pelos/as múltiplos/as agentes que integram esse espaço, cada qual com suas preocupações movidas pela lógica atual do capital.

Bauman (2010) já chamava o capitalismo de parasita e levantava uma discussão essencial a toda pessoa interessada nos estudos das ciências humanas e sociais. Valendo-se das contribuições do sociólogo, o mesmo, em *Modernidade líquida*, traz uma série de outras questões também relevantes para se pensar o consumo e produção no mundo capitalista contemporâneo, termos como fluidez e liquidez que buscam dar forma aos movimentos do mercado capitalista contemporâneo.

Um grande problema é que essa liquidez não apenas reside no mundo do comércio e consumo mas, também, nas pessoas e as relações que estas assumem e ganham um caráter momentâneo, frágil e rompível, podendo ser observado nas relações humanas (amizades, namoros, casamentos, trabalho etc.) como, também, nas relações de consumo, onde cada vez mais os bens considerados duráveis o deixam de ser, havendo a necessidade de um consumo exagerado e um consequente grande descarte de resíduos sólidos na natureza (Bauman, 2001)⁴.

O questionamento que emerge aqui é o seguinte: será também esse o comportamento das/nas pequenas cidades estudadas? Em nossas vivências, estudos e observações, vimos, especialmente nas últimas três décadas, um crescimento horizontal da cidade, isto é, novos bairros e loteamentos são criados adentrando a zona rural, vemos um distanciamento do centro em direção às “bordas” das cidades. Além do crescimento de espaços residenciais e comerciais. De modo geral, o comportamento observado nas pequenas cidades é o começo daquilo que já se observa em grandes e médias cidades brasileiras, com o abandono do centro.

Carlos (2007) aponta alguns fatores que são decisórios para a fundação (origem) de uma cidade, sendo eles industriais, culturais, comerciais, administrativos ou políticos. No caso da cidade de Araçagi, segundo o portal eletrônico do município, a cidade tem início em meados do século XVIII com fins de abrigo/pousio para mercadores que passavam pela região e estabeleciam

⁴ Uma sensação que resolvemos chamá-la de “síndrome de seu Barriga”: aos que apreciam o seriado Chaves, devem lembrar do episódio “O vendedor de balões”, no qual para cada balão estourado a resposta sempre era a mesma: compre outro.

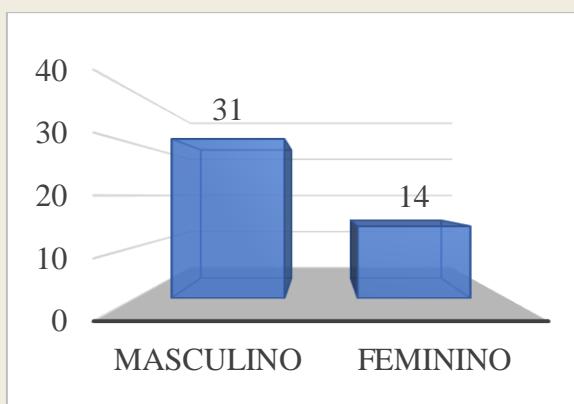
comércio de animais com a região de Mamanguape, Mari e os sertões paraibanos; no caso do município de Mari, este é limítrofe com Araçagi e ambos possuem uma extensão territorial rural ampla em relação à área urbana. Isso mostra a ampla influência da produção agrária que a maior parte dos municípios paraibanos possui e, principalmente, as cidades estudadas. Em outras palavras, boa parte dos produtos (legumes e frutas) comercializados em cidades grandes tem origem em municípios como Araçagi.

As cidades guardam em suas paisagens características ímpares do tempo histórico e revelam diferentes momentos vividos pelos sujeitos que fizeram e fazem parte de determinado âmbito. É o que revela Carlos (2007, p. 58): “A história da paisagem urbana mostra os sinais do tempo que nela impregna suas profundas marcas”. Essa história, embutida na paisagem urbana, tem sido apagada pela desvalorização dos prédios históricos que guardam traços da história das cidades, demolições, pichações e as intempéries do tempo e clima que contribuem para o esquecimento do espaço vivido. Para compreender o atual, é necessário entender as constituições do passado que desencadeiam no tempo presente, não sendo possível entender o todo olhando apenas a parte.

Ainda se valendo das contribuições da autora supracitada, ao enfatizar a situação do exército de reserva sem moradia da capital paulista, e Sposito (2010), ao relacionar distintas realidades socioeconômicas de acesso à moradia e lazer, somos, enquanto pesquisadores, levados a refletir sobre as condições de trabalho enfrentadas nas pequenas cidades paraibanas. Não é comum observar moradores/as de rua no município de Araçagi, no entanto, as precárias condições de moradia das periferias das nossas cidades saltam aos olhos de quem faz as análises de como vivem as pessoas sem renda, especialmente nessa cidade por não dispor de um mercado de trabalho formal, forçando os sujeitos a buscarem trabalho na zona rural (enquanto boias-friás) e em outros municípios ou até estados do país, comportamento observado não apenas em Araçagi, mas uma realidade constante e muito atual na maior parte das cidades interioranas do estado da Paraíba, observado pelos autores deste trabalho.

Ao realizar trabalho de campo no município abordado, constatamos realidades análogas às hipóteses que possuímos. Aplicamos questionários semiestruturados a uma amostra de 30% do público feirante em três visitas ao espaço de comércio, nos dias 11 de junho, 02 de julho e 16 de julho no ano de 2022. Desse modo, segue gráfico que expressa o gênero (sexo) dos/as entrevistados/as que comercializam seus produtos na feira de Araçagi. A feira funciona aos sábados, é a oportunidade do/a campesino/a vender os seus produtos e garantir a aquisição de gêneros alimentícios das quais eles/as não produzem, esse é espaço de encontro e trocas do agrário com o urbano.

Gráfico 01: Sexo dos entrevistados



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

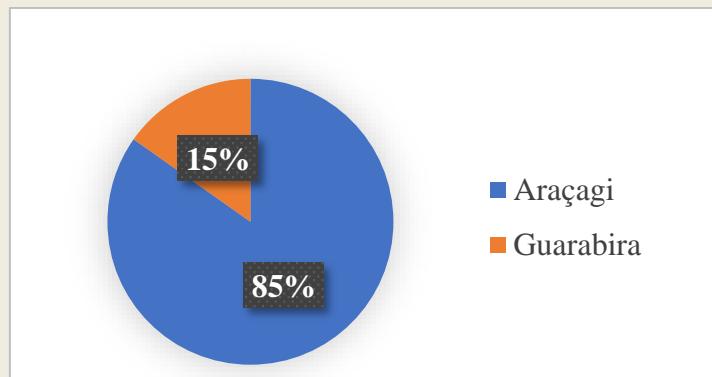
Segundo funcionários/as da Prefeitura Municipal de Araçagi, os levantamentos feitos pelos/as mesmos/as dão conta de 141 pontos de comércios no logradouro da feira livre. Destes, trabalhamos com amostra de aproximadamente 30%, isto é, 45 comerciantes, sendo 31 homens e 14 mulheres que responderam a pesquisa. Boa parte dos entrevistados eram casados e, nesses casos, os maridos respondiam a pesquisa, enquanto as esposas observavam.

No geral, os maridos respondiam pelas bancas de comércios: eles eram os “cabeças”, e/ou donos. Por vezes, ao chegar para entrevistar, falávamos com as mulheres e, de pronto, as mesmas já diziam: “fale com meu marido, não sei responder essas perguntas, não!” Assim, testemunhamos uma dependência do

público feminino em relação aos cônjuges quando o assunto se tratava de negócios. constatamos, ainda, que as mulheres são mais seletivas e cuidadosas com as mercadorias.

No entanto, o resultado expresso acima retrata as condições de um lugar, tem sua dinâmica, não permite generalizações: temos essa distante quantidade entre homens e mulheres comercializando seus produtos e serviços na feira e suas imediações na cidade de Araçagi, na Paraíba. Prosseguindo, discutiremos a residência dos/as entrevistados/as, para muitos/as, a feira é a sua única forma de sustento, neste caso, se dedicam a tal atividade não apenas na cidade em que residem, mas também em municípios próximos, acarretando custos de deslocamentos e refeições. Há também pessoas que desenvolve outras atividades para complemento da renda, ou a feira é uma dessas atividades quando estes/as são funcionários/as públicos, de empresas ou autónomos.

Gráfico 02: Residência dos/as entrevistados/as



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

Ao perguntar sobre a residência dos/as entrevistados/as, os resultados expressos mostram majoritariamente que os/as vendedores/as moram em Araçagi; portanto, não possuem dificuldades em deslocamento como os/as que moram em Guarabira e, além de vender em Guarabira, também comercializam em Araçagi. Em parte, esses/as comerciantes de Guarabira vendem produtos que possuem durabilidade maior, assim, havendo sobras “boia” como dizem os alimentos não estragam e são vendidos em feiras de outros municípios.

Boa parte dos produtos que os/as cidadãos/ãs consomem em Araçagi têm origem na zona rural do município, com a pequena agricultura. Outra parcela vem de outros municípios, em centros de distribuição, como a Ceasa em João Pessoa, onde feirantes de Araçagi ou de Guarabira adquirem mercadorias.

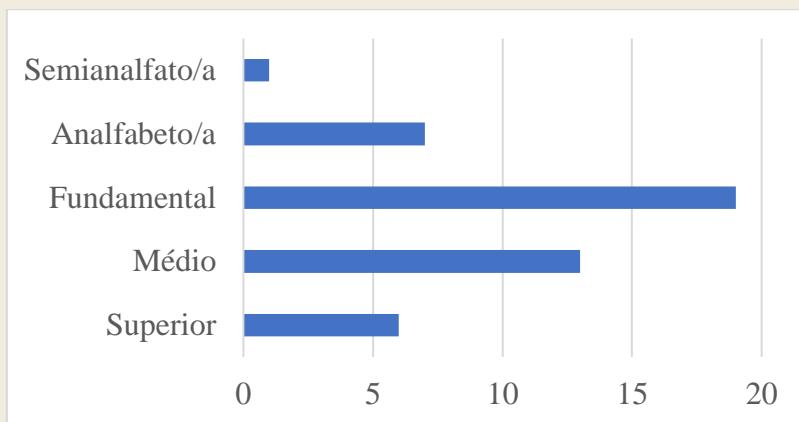
O perfil dos/as entrevistados/as se caracteriza a partir da média de idade de homens e mulheres, média de filhos, média de idade que começou a trabalhar e média de dias que trabalha por semana, assim sendo os valores de média aritmética para cada questionamento feito é expresso: 42 anos é a média de idade de homens e 40,9 anos corresponde ao mesmo questionamento às mulheres; em média, cada entrevistado/a possui 4,6 filhos; 19,2 é a média de idade com que os/as entrevistados/as começaram a trabalhar; em média cada entrevistado/a trabalha 2,9 dias por semana, ou seja, além da feira livre de Araçagi, vendem em outras feiras, seja do próprio município, seja de municípios circunvizinhos.

A seguir, temos gráfico que expressa a escolaridade (formação educacional) dos/as entrevistados/as na feira livre de Araçagi, ficou explícito a baixa escolaridade desse público, motivo preponderante à realização de atividades de baixa instrução. Já se tratando de pessoas com nível superior de ensino, é notada que a feira constitui apenas complemento de renda, não havendo dependência dela. No quesito escolaridade, destacamos que o município outrora mencionado ocupa o 211º dos 223 municípios do estado da Paraíba, isto representa 95% de taxa de escolarização em 2010 (IBGE, 2022).

O município em questão, abriga 24 escolas de ensino fundamental e 2 escolas de ensino médio, possui ao todo 185 docentes. Em 2021, a rede pública de ensino teve nota no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) 3,9 e 4,0 para os anos iniciais e anos finais do ensino fundamental respectivamente. Esses dados, revelam que o município tem muito a avançar no quesito educação, se comparamos com dados de municípios vizinhos de igual porte, vemos que a distância é larga. Vejamos o exemplo do município de Mari, limítrofe a Araçagi, ocupa o 29º lugar de um total de 223 municípios no quesito escolarização, possui notas IDEB 4,7 e 4,1 para os anos iniciais e finais do

ensino fundamental, respectivamente (fonte: Cidades, IBGE). Esse cenário não é exclusivo de Mari, mas a maior parte de municípios limítrofes a Araçagi possui bom desempenho com a educação.

Gráfico 03: Formação educacional



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

Ao analisar os dados, percebemos que quanto mais alfabetizada é a pessoa, mais possui outras ocupações. Dessa forma, apenas 6 pessoas têm diplomação superior, enquanto o número de pessoas com ensino fundamental beira os 20. Quanto menos instruída é a pessoa, mais desenvolve trabalhos manuais mais pesados. Com isso, o feirante que desenvolve outras atividades além da feira tem a atividade comercial apenas como complemento de renda, diferente dos que têm a feira como única fonte.

Muitos podem ter sido os fatores pelos quais fizessem essas pessoas não terem logrado êxito com os estudos. No entanto, esse mesmo público menos instruído reconhece a importância que tem os estudos, não se tratando apenas

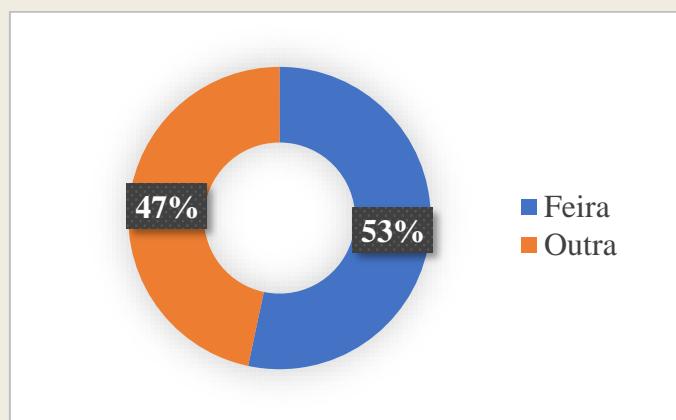
de uma questão correlata ao mercado de trabalho. Portanto, ao indagar um entrevistado sobre formação, ele retruca:

“Hoje em dia, tem que estudar! Quem não estuda nos dias de hoje está perdido, vai ficar sem ter o que fazer, ou fazer isso que faço, olhe só, olhe mesmo a situação dessa feira, antigamente dava gosto de vender aqui, hoje a gente traz as mercadorias e quase não consegue vender, é uma realidade dura, eu não trabalho com outra coisa porque não tenho estudo”.

Desse modo, notamos a grande importância dos investimentos voltados à educação, com os/as jovens entrevistados/as, a maior parte deles/as ou terminaram a graduação, ou estão na condição de graduandos/as. Os/as mais adultos/as reconhecem essa importância, falam que se tivessem boa formação dificilmente estariam sob aquelas condições, tentando conquistar os/as poucos/as clientes que passavam pela feira.

Seguindo, constatamos que, majoritariamente, as atividades desenvolvidas por cada entrevistado/a resumem-se à feira, no entanto, há um percentual alto de pessoas que, além da feira, desenvolve outras atividades: alguns/mas motoristas, outros/as, professores/as, que residem em zona rural, agricultores/as etc. No gráfico abaixo temos 53% que dependem da feira como única fonte de renda e 47% que além da feira, tem outras ocupações.

Gráfico 04: Atividade econômica desenvolvida



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

Com base nos relatos e resultados obtidos, vemos que a venda de mercadoria na feira livre de Araçagi não é mais uma atividade rentável, suficientemente havendo a necessidade de complemento de renda. Se adicionamos a essa “receita” o “ingrediente” da pandemia e seus agravantes à economia, temos uma situação difícil, em que lembramos das contribuições de Silveira (2013, p. 67), onde “numa ordem espacial definida pelas relações implacáveis dos grandes capitais, com técnicas materiais e de ação de alto desempenho e racionalidade, a combinação dos fatores de produção no circuito inferior revela a necessidade de encontrar abrigos”.

Com o resultado dessa questão, somos chamados a pensar: quais abrigos paro o pequeno comércio? Pensemos na crescente distância entre os mercados e o público cada vez mais seletivo e sedento por espaços cômodos, e atentamos os setores públicos para tais demandas.

Desse modo, identificamos, em algumas falas, a necessidade de um ambiente protegido da chuva e do sol, sem a presença de animais e insetos, linhas de crédito específicas para que possam investir em seus negócios. Pensamos, também, a importância de acompanhamento especializado de órgãos como o Sebrae, esses são abrigos necessários à realidade dos trabalhadores da feira livre de Araçagi. As feiras são tradicionais e essa tradição tem se perdido, é preciso extraír os máximos potenciais desses espaços, econômico e cultural. Vimos um ambiente pacato⁵ durante o período de pesquisas.

Através de conversas informais com moradores/as e comerciantes da cidade de Araçagi, identificamos algumas transformações que ocorreram no espaço urbano do município, que colaboram para a mudança de fluxos de clientela dos espaços comerciais e interferem nos ganhos econômicos de donos/as de pequenos comércios. Além disso, notamos a preferência da clientela pelos serviços considerados sofisticados (“gourmetizados”⁶), isto é, um

⁵ Relativo à tranquilo, calmo, quieto ou sossegado.

⁶ Entendemos por serviços “gourmetizados”, serviços formais especializados, produtos associados a marcas de forte influência e propaganda (Pintaudi, 2018).

padrão de comércio e consumo adotado pelo circuito superior da economia urbana.

Desse modo, Santos (2008, p. 43) afirma: “O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia capital intensivo”. Ainda se tratando do circuito superior, Santos (2008, p. 42) define que cada circuito é composto pelo “conjunto de atividades em certo contexto; o setor da população a ele essencialmente ligada pela atividade e pelo consumo”. Assim, notadamente, observamos atividades ligadas ao circuito superior pelo público que consome produtos e serviços da cidade vizinha Guarabira que, de forma direta ou indireta, influencia no setor de consumo de cidades vizinhas como Araçagi.

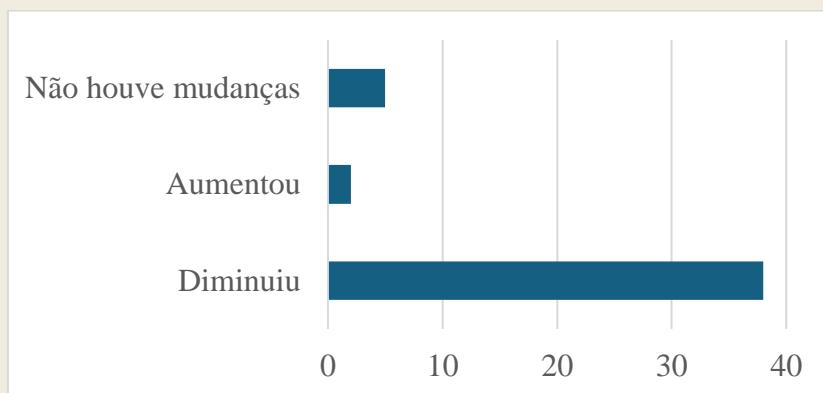
Ainda se tratando em mudanças, a pandemia de Covid-19 condicionou diretamente, o padrão de consumo dos araçagienses. Muitas são as queixas apontadas pelos pequenos comerciantes. Durante as conversas com os/as feirantes de Araçagi, notamos em seus discursos, a migração da feira de seu local de origem (no centro da cidade) para o local atual, e a mudança de dia: antes ocorria aos domingos, hoje, aos sábados, havendo diminuição da clientela conforme nos apresenta o gráfico 05.

Vemos que a pequena atividade comercial é sensível às mudanças: no caso de Araçagi, aliada às modificações apontadas pelos/as trabalhadores/as, tivemos os problemas gerados e mantidos pela pandemia de Covid-19. Já ocorria a tendência do abandono do pequeno comércio, mas, com o isolamento social, foram sentidos com maior força a intensificação desses movimentos.

Não podemos pensar que esses movimentos são naturais e normais por vivermos a sociedade global e capitalista, o senso comum pode ter esse entendimento, no entanto, enquanto pesquisadores da academia, instigamos as indagações. É necessário que os/as representantes do povo em suas diversas escalas – municipal, estadual e federal – se ocupem de políticas públicas destinadas ao ordenamento espacial e às pessoas que produzem e reproduzem diariamente cada espacialidade apontada, a fim de garantir higiene, saúde e o fortalecimento da economia local, do pequeno comerciante, e manter a cultura

atrelada historicamente ao comércio informal, sobretudo, as feiras livres das cidades estudadas.

Gráfico 05: Movimento da feira após mudança de local e dia



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

Este gráfico caminha na mesma direção de perguntas anteriores: é o resultado dos fatores já elencados e indica para o decréscimo do público consumidor da feira livre de Araçagi. Assim, ao perguntar sobre o movimento da feira, a maior parte das respostas apontam para a diminuição da clientela, foram poucos que afirmam ter aumentado o movimento, e uma parcela um pouco maior ao relatar não ter notado mudanças na movimentação de clientes.

Diante de tudo que temos discutido, é importante refletir sobre a necessidade de prover políticas públicas para o pequeno comércio, sobretudo, aquele a qual ainda se enquadra no que Milton Santos classificou de circuito inferior da economia urbana⁷: o que fazer para chamar a atenção da clientela para os pequenos espaços comerciais e principalmente as feiras? O que fazer para que sejam mantidas as tradições que possuem as feiras, uma vez que, dia após dia, vemos esses lugares perderem importância cultural?

Durante a aplicação dos questionários, não vimos expressões culturais⁸ na feira livre de Araçagi. Vale destacar que a temporalidade correspondia ao

⁷ De acordo com Santos (2008, p. 43), “no circuito inferior a tecnologia é ‘trabalho intensivo’ e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada”. A diferença entre os circuitos “está baseada nas diferenças de tecnologia e de organização”.

⁸ Entendemos como expressões culturais: músicos locais, mangaios, alimentos típicos de feiras e da região Nordeste e etc.

período de festejos juninos, nenhuma sanfona, triângulo, zabumba ou cantador de viola, não vimos vendedor de mangaios. Vimos um silêncio incomum ao ambiente que é a feira e é válido questionar: diante dos ritmos que tomam a sociedade e o mercado, veremos desaparecer do cenário das nossas cidades a cultura popular e as pequenas formas comerciais?

O contexto do comércio e consumo no circuito inferior da economia urbana no município de Araçagi/PB

O município apresenta os circuitos da economia urbana de Milton Santos, com ênfase ao circuito inferior. Trata-se do pequeno comércio, composto pela existência de uma feira livre, mercadinhos, bares, sacolões, e pequenas bancas postas em frente das casas. Em termos de diferenciação e caracterização dos circuitos, Santos (2008, p. 40) pontua:

“Pode-se apresentar o circuito superior como constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não “capital intensivo”, pelos serviços não modernos fornecidos “a varejo” e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão”.

Dentro destas características, reafirmamos a necessidade de analisar a atividade comercial aracagiense relacionada ao circuito inferior da economia urbana. O município em questão possui uma extensão territorial rural ampla em relação à área urbana e muito do que é observado na cidade tem relação direta com o campo. Ainda diferenciando os circuitos:

“Um dos dois circuitos é o resultado da modernização tecnológica. Consiste nas atividades criadas em função dos progressos tecnológicos e das pessoas que se beneficiam deles. O outro é igualmente resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligadas” (Santos, 2008, p. 38.).

As observações realizadas permitem-nos caracterizar o espaço urbano e sua dinâmica: a cidade é “cortada” de leste a oeste pela rodovia PB 057, que interliga Guarabira, Araçagi e Itapororoca, facilitando o tráfego de pessoas e mercadorias entre os municípios citados. Além disso, Itapororoca é “porta de entrada e saída” para o litoral paraibano facilitando, também, o intercâmbio com a capital João Pessoa e o interior do estado da Paraíba.

O município possui um porte pequeno, uma rodovia principal (PB 057) e ramificações (estradas vicinais) que dão acesso à zona rural do município. As ruas mais movimentadas e centrais possuem bom pavimento (sem buracos, facilita o tráfego) e as construções a sua margem abrigam moradias e pequenos comércios (armarinhos, bodegas, mercadinhos, lanchonetes, farmácias, padarias, pequenas confecções, barzinhos, lojas de construção e afins),. Nestas últimas duas décadas, a cidade cresceu bastante horizontalmente adentrando áreas antes utilizadas para plantio de vegetais, hoje com as plantas de residências através de loteamentos e conjuntos habitacionais. Na zona rural, mais especificamente ao norte, encontramos unidades territoriais que chegam a se assemelhar à cidade, são algumas pequenas vilas de Canafístula e Piabas.

Partindo do centro da cidade em direção à porção sudeste, encontramos o pátio da feira livre onde localizam-se dois galpões que funcionam como mercado público destinado ao comércio de carnes, peixes e aves abatidos e grãos (imagem 04). No pátio propriamente dito, encontram-se bancas de legumes, frutas, verduras diversos, conhecido por hortifrutigranjeiros (imagem 05). As cidades interioranas como Araçagi e influenciadas por Guarabira têm uma dinâmica muito semelhante, mas, se analisado, veremos que cada espaço possui sua própria dinâmica promovida pelos seus diversos agentes.

Nesse espaço, comercializam cerca de 141 feirantes (dados obtidos junto a prefeitura do município) e as ruas que dão acesso à feira também são tomadas pela atividade comercial que ocorre com maior força aos sábados, dia em que ocorre a feira; porém, desde a sexta feira, a cidade já “respira” o ar de compras e vendas: é neste dia que são organizadas as mercadorias para a comercialização no sábado. As bancas utilizadas pelos hortifrutigranjeiros são

montadas e após a realização da feira, elas são desmontadas e guardadas, um ato que se repete a cada semana, e dá ocupação/trabalho aos responsáveis por esse serviço.

Os costumes descritos fazem parte do contexto de cidades recém-emancipadas, beirando os 60 anos de emancipação. Identificamos nas nossas cidades um crescimento desacompanhado de desenvolvimento, as cidades crescem horizontalmente, porém é necessário refletir sobre as condições desse crescimento, onde, em nossa perspectiva, crescimento difere de desenvolvimento; neste contexto, a hipótese é que, em curto e médio prazo, haja problemas correlatos ao urbano e seus sujeitos.

Esses problemas já podem ser sentidos, o mal planejamento de nossas cidades e o mal uso dos equipamentos urbanos favorece inundações por pluviometria, falta de saneamento básico, dificuldade de acesso a moradia e/ou moradia precária, sendo esta uma garantia prevista na Constituição Federal, o direito de habitar, previsto no artigo 6º desta “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (grifo nosso).

A falta ou o serviço precário de qualquer um desses direitos básicos, constitui não cumprimento do que é previsto em nossa carta magna. No trecho transscrito da Constituição Federal de 1988, há referência ao trabalho, relacionamos com as múltiplas realidades vistas durante as atividades de campo na cidade alvo dos estudos descritas no decorrer deste texto.

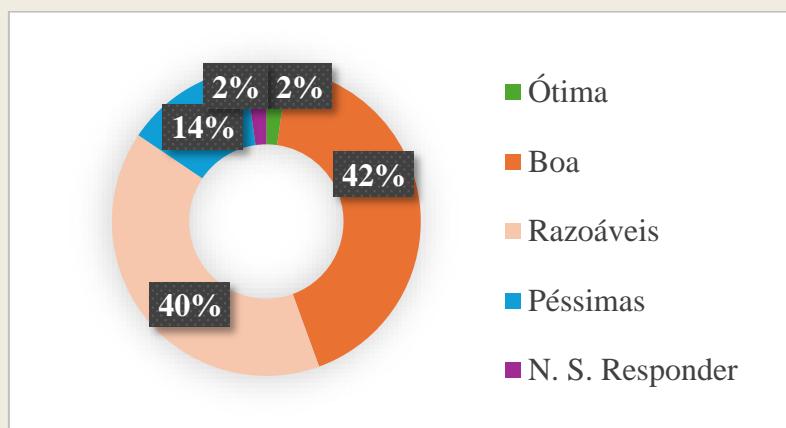
Retornando a discussão sobre o comércio, ao conversar com alguns/mas feirantes, foi possível identificar em suas falas a preocupação com a falta de estrutura física do espaço em que comercializam, falta de higiene e equipamentos adequados (gráfico 06). Em um dos dias em que fora realizado trabalho de campo, comprovamos tal caracterização: apesar das coberturas improvisadas com madeiras e lonas, tanto clientela quanto feirantes e mercadorias são expostas ao sol e à chuva. Além disso, foi possível observar a

presença de animais e insetos no ambiente, comprometendo a higiene (gráfico 07).

No espaço, é possível identificar, também, a existência de resíduos sólidos soltos ao chão (lixo), por mais que haja a limpeza após a feira pelos agentes de limpeza urbana. A existência de tais resíduos – sejam sólidos ou não – configura um “convite” aos insetos e animais já mencionados. Os resíduos não sólidos constituem restos de alimentos, vegetais em geral, aí reside a possibilidade da realização de compostagem e alimentação para animais.

Para alcançar uma cidade limpa e um espaço de consumo também limpo, é necessário fortalecer no senso de quem produz ou consome, a importância de mantê-lo sem resíduos no chão. A existência da coleta dos resíduos por parte da administração é necessária e existe, porém, no mundo de avanços técnicos e científicos, soa urgente a correta implementação de coleta seletiva não só na feira, mas em todos os logradouros públicos.

Gráfico 06: Estrutura da feira



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

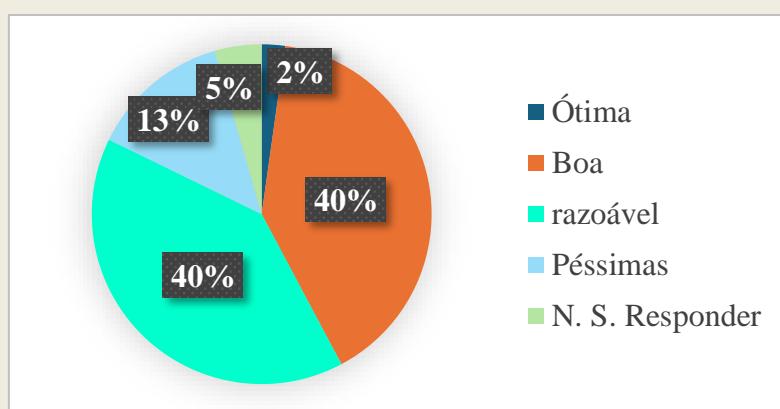
Quando perguntados/as sobre a estrutura da feira livre, tivemos resultados parecidos com os/as que acham que a estrutura é boa e razoável, enquanto cinco pessoas declararam achar a estrutura da feira péssima. Isso se deve à falta de equipamentos que oferecera ao público maior comodidade e conforto. Houve

uma série de observações em relação a uma promessa de reforma e requalificação da estrutura da feira livre por parte da prefeitura municipal de Araçagi.

Segundo as pessoas entrevistadas, caso haja tal reforma, a estrutura de comércio melhoraria consideravelmente. A feira possui piso em calçamento de paralelepípedos, bancas desmontáveis de madeira, o espaço é rodeado por pequenos quartinhos, onde se paga para guardar objetos e mercadorias, dois galpões, sendo um destinado para a comercialização de pescados e o outro carnes vermelhas. As aves são comercializadas no pátio da feira nas bancas de madeira junto a hortaliças, frutas e verduras.

Dentro dos galpões, o piso é de cimento (piso grosso); neles, as bancas que ficam no pátio são guardadas e foi possível notar acúmulo de materiais, que podem funcionar como morada para insetos. Pescados, carnes e aves são expostos ao ar livre, sem nenhum cuidado quanto as partículas (poeira e gotículas de saliva), insetos e animais, sobretudo, cães e gatos. Este cenário gera preocupação quanto à higiene dos alimentos, mais um agravante que pode contribuir para que os consumidores prefiram ambientes mais cômodos e seguros no que tange ao armazenamento dos alimentos.

Gráfico 07: Higiene da feira livre de Araçagi/PB



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

Ao indagar sobre a higiene da feira livre, dois grupos majoritários acham boas e razoáveis as condições de higiene da feira, enquanto 13% afirmam ser

péssima a higiene do lugar. Durante os trabalhos de campo, identificamos a presença de animais e insetos neste ambiente, mau condicionamento de carnes, aves e pescados, comprometendo a segurança alimentar de quem consome tais alimentos.

Considerações Finais

Vivenciamos os movimentos, hábitos e costumes se adaptando ao que impõe o capital financeirizado, onde quase tudo torna-se motivo para o consumo. No caso das pequenas cidades, festas tradicionais como as festas de padroeiro/a, festejos juninos e datas comemorativas (Dia dos Namorados, Dia das Mães/Pais e etc.) tornam-se inquestionáveis oportunidades para consumir, tudo isso aliado à informação veiculada pelos mais diversos meios de comunicação (rádios, redes sociais, carros de som e etc.), atingindo o público-alvo de forma rápida, eficaz e intensa. Dentro do já abordado circuito inferior da economia urbana, a palavra que melhor pode, neste momento, representar uma solução é a adaptação.

O extenso e complexo espaço de comércio sofre, dia após dia, movimentos diversos assumidos por inúmeros agentes que colaboram para a sua expansão ou retração. Pode parecer insignificante, mas, em uma pequena cidade, uma mudança do local de comércio ou do dia de comercialização já é suficiente para que se perceba o público (clientela) afastar-se em direção a outras espacialidades que lhes ofereça comodidade no ato de comprar, foi o que nos afirmaram alguns feirantes de Araçagi. Durante nossas pesquisas e vivências nos espaços supracitados, identificamos necessidades variadas, indo desde a necessidade de reformas e ampliações à cargo do poder público, até adaptação de comerciantes, necessidades urgentes em relação a higiene e a comercialização de carnes nestes espaços. O município de Araçagi muito avançou nos últimos anos no que se refere a infraestruturas de logradouros públicos, no entanto, precisa atentar-se aos espaços públicos também comerciais.

Nosso papel é refletir, discutir e procurar responder às lacunas que tangem o mundo urbano e comercial e, com este trabalho, buscamos abrir caminho e lançamos convite para as pesquisas acadêmico/científicas dentro do circuito inferior da economia urbana. Ao/à leitor/a, convidamos a conhecer cidades como Araçagi, convidamos a fazer um consumo consciente, calcado na observância dos modelos de produção. Sem dúvidas, o “clima” da feira livre, do mercadinho, da mercearia de bairro, botequins, lhe ofertam um específico atendimento, bem como variadas formas de negociação. Aos órgãos públicos, compete investigar, organizar e implementar políticas públicas eficientes que visem solucionar ou ao menos mitigar os efeitos proporcionados entre os circuitos da economia urbana, isto é, entre o grande e o pequeno comércio.

Diante de tudo o que foi exposto neste artigo, queremos expressar nossa gratidão a todos/as que responderam à está pesquisa, vivenciar a espacialidade já mencionada junto aos/as agentes transformadores/as foi uma experiência ínfima e aqui deixamos nossa gratidão a todos/as. As problemáticas tratadas fazem parte daquilo ao qual no dia a dia podemos considerar normal, diante do mundo globalizado e do capital financeirizado, porém ressaltamos a importância de gestores/as e legisladores/as em suas distintas escalas promoverem políticas públicas a espacialidade e seu público.

Esperamos que, com estes escritos, possamos contribuir com as pesquisas de geógrafos e geógrafas, bem como, demais interessados/as na área. Acompanharemos a possível reforma do espaço de comércio da feira livre da cidade como uma forma de enriquecer nossas pesquisas entorno destes campos da geografia: o comércio, o consumo e os estudos sobre o âmbito urbano no que tange ao comércio informal e cidades pequenas na Paraíba, com foco para a Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB. A respostas para tantos questionamentos advém de análises, trabalhos de campos, leituras e horas acumuladas de estudos. O fio que conduz ao expresso neste trabalho é resultado dos muitos porquês levantados a respeito de múltiplas realidades, espaços, agentes, capitais e mercados. O questionamento constitui importante meio de

obtenção de respostas e o debate sobre o espaço urbano e comercial está longe de cessar, a cidade se constrói e se reconstrói diariamente.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123 p.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. O lugar mercadoria. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Org.). **A necessidade da geografia**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 163-172.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Portal Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>>. Acesso em: 19 mai. de 2022.

PINTAUDI, Silvana Maria. O MUNDO DA TROCA EM MOVIMENTO. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 20, n. 1, p. 5, 2018.

Prefeitura Municipal de Araçagi, portal eletrônico, histórico. Disponível em: <<https://www.aracagi.pb.gov.br/>>. Acesso em 19 mai. de 2022.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVEIRA, María Laura. Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana. **Ciência geográfica**, XVII, 1, 1 2013, 63-70.

SPOSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.